

TRIBUNA LIVRE

MATHEUS ALBERGARIA DE MAGALHÃES



Você sabe o que é o “efeito superstar”?

Você já assistiu a programas como “SuperStar” ou “Ídolos”? Em programas de TV nestes moldes, os candidatos devem enfrentar diversas rodadas eliminatórias, onde são avaliados por júris compostos por especialistas da área de entretenimento.

Basicamente, o júri busca avaliar a flexibilidade dos candidatos, atentando para fatores como maturidade e desenvoltura para enfrentar desafios e situações inusitadas.

Ao final de cada temporada do programa, o(a) vencedor(a) costuma receber um prêmio milionário, muitas vezes associado a outras recompensas, como um contrato de gravação musical ou participação em campanhas publicitárias e programas de TV.

Quem acompanha o programa fica com a impressão de que, passados os desafios, o(a) vencedor(a) recebe a merecida recompensa por seu talento.

Situação semelhante ocorre no caso de alguns esportes profissionais. Por exemplo, os campeonatos espanhol e italiano de futebol são conhecidos pelos contratos milionários oferecidos a técnicos e jogadores de destaque.

O mesmo parece válido no caso de modalidades como basquete, golfe e tênis, com remunerações extraordinárias para os melhores atletas. Afinal, é fácil ganhar recompensas milionárias nos esportes e música?

Infelizmente, a resposta a esta questão é negativa. Basta pensar nas dificuldades e desafios que um jovem deve enfrentar para poder ingressar em uma dessas áreas.

Imagine a seguinte situação: quantas jovens aspirantes à modelo poderão ter o destaque de Gisele Bündchen? Quantos jogadores de times de base chegarão a uma seleção de futebol? Quantos surfistas adolescentes alcançarão, no futuro, os records de Kelly Slater? Ou ainda, quantos atores mirins ganharão um Oscar quando adultos?

É como se, a cada 100 mil aspirantes a um emprego, apenas um ou dois fossem chegar ao final do túnel, já que existem diversas “peneiras” no caminho.

Uma vantagem é que, uma vez que cheguem do outro lado, as recompensas são formidáveis:

constante atenção da mídia, patrocínios milionários, redes de contatos em escala internacional, etc. Uma desvantagem é que as chances disto ocorrer são consideravelmente pequenas (quase impossíveis, na verdade).

Na década de 1980, o economista e professor da Universidade de Chicago, Sherwin Rosen apresentou uma fascinante análise sobre o tema.

Segundo ele, a ocorrência do “efeito superstar” poderia ajudar a explicar a vigência de altíssimos salários em determinados ramos do entretenimento e esporte modernos, uma vez que pequenas diferenças em termos de talento poderiam ser

responsáveis por altíssimas diferenças em termos de remuneração.

Para Rosen, em mercados onde este efeito fosse predominante, não bastaria ser um trabalhador destacado: em casos assim, você teria de ser absolutamente o melhor, de modo a poder obter as enormes recompensas disponíveis.

Este fenômeno passou a ser conhecido como “efeito superstar”.

Um ponto interessante relacionado ao efeito superstar é que ele não está restrito a áreas como entretenimento e esportes, apenas. Na verdade, existe hoje o consenso de que este efeito tende a ser extremamente importante em grandes empresas.

Assim, os melhores gestores tendem, muitas vezes, a receber recompensas milionárias por seu desempenho. Mas, mais uma vez, não basta ser um bom gestor; é preciso ser o melhor, de modo a poder acessar as vantagens e recompensas associadas a um “superstar”.

No final das contas, pequenas diferenças em termos de talento podem vir a ter consequências “estelares”.

Matheus Albergaria de Magalhães é professor de Economia e coordenador do Centro de Estudos e Análises Econômicas (CEAE) da Fucape.



Existe hoje consenso de que este efeito tende a ser importante em grandes empresas